

O que nos é dado, ver ...

...tão longe na memória dos tempos..., III milénio a.C., deradeiros momentos do Neolítico e Calcolítico, médio e final, na linha da sedentarização do Homem. Povoados com carácter defensivo, fortificados, planificados e, estruturas habitacionais. Os artefactos, para além dos de carácter lítico, comprovam a existência de actividades diversas nas áreas da metalurgia, têxtil, cerâmica, agricultura e pesca. Diversos elementos de adorno permitem perceber a forma como o indivíduo se deixava ver no meio.

O espólio recolhido em diversas estações arqueológicas atesta a ocupação pré-romana (Celtas), pelo menos, a partir do séc. VI a.C. em Olisipo, e comprovam uma intensa actividade comercial e industrial, a par com um urbanismo em perfeita expansão. O estuário do Tejo com características excepcionais foi sempre o motivo para a fixação de populações e Olisipo como porto de excelência para os mercadores Fenícios, Gregos e Cartagineses, permitindo a sua fixação.

Do legado romano, são conhecidas várias estruturas de um vasto património arquitectónico a partir do século II a.C., da sua chegada à península em contexto das segundas guerras Púnicas e, o espólio arqueológico recolhido vai até à primeira metade do século V, período tardo-romano, atestando a importância da cidade ainda que no declínio do império.

Um pouco mais para norte, no enquadramento regional, a estação arqueológica de S. Miguel de Odrinhas, com um acervo museológico único, permite uma excelente caracterização da sociedade romana.

Com o fim do Império romano no ocidente, não deixaremos de falar dos povos "bárbaros", Alanos, Vândalos, Suevos e Visigodos.

A islamização faz parte do nosso quotidiano, muitos "termos" que usamos no nosso vocabulário têm raiz "árabe", herança da passagem destes povos e, algum traçado e construções da parte antiga em Lisboa têm como fundações estruturas deste período. A cidadela islâmica (Alcazar) no Castelo de S. Jorge é um exemplo.

Cronologicamente, a necrópole medieval em S. Miguel de Odrinhas é a única deste período (séc. XIII – séc. XVI), escavada em Portugal.

Por último, regressamos aos nossos dias e faremos uma viagem regressiva até à conquista da cidade de Lisboa (1147) e ao Castelo que lhe serviu de estrutura defensiva. Apesar das sucessivas reconstruções é possível ler nas suas pedras uma boa parte da nossa história. Dois anos após, em 1149, o Papa Alexandre reconhecia o reino de Portugal, confirmando assim o Tratado de Samora em 1143.

□



O património artístico e arquitectónico nos diversos estilos está bem representado em Portugal. Arquitectos como João Frederico de Ludovice, Manuel Caetano de Sousa, Carlos Mardel (Martell Károly), Barão von Eschwege ou Raoul Mesnier du Ponsard, entre outros, assinaram obras de relevo, magníficas representações das diversas correntes e escolas. Também muito se têm escrito, análise importantíssima para compreender a arte, o método e o contexto sócio cultural das diversas épocas da nossa história.

É pois possível estabelecer alguns percursos que traduzam de uma forma expressiva os diversos estilos artísticos no plano arquitectónico, interiores, mobiliário, talha e pintura, entre outras representações.

O que poderemos observar?

O classicismo, expressão máxima do auge do Império Romano e o **neoclássico** no séc. XIX, expressivo na monumentalidade das suas colunas;

O românico e o gótico em construções ao espírito da fé, e muitas vezes combinado entre si, e o **neogótico** em perfeita harmonia com outros estilos e correntes culturais;

O **barroco**, monumental, palaciano, solene e expressivo, no património edificado, na talha, na gravura, só, ou em simbiose com o **rococó** (rocaille) nos interiores e no mobiliário;

O revivalismo, surge como uma necessidade de adaptação aos tempos modernos, colmatando vazios, com valores culturais e espirituais do passado;

O **neomanuelino** é uma corrente revivalista de um estilo cujos motivos aludem à época dos descobrimentos, composição de motivos náuticos, e portanto "muito próprio" da nossa história enquanto nacionalidade;

A **arte do ferro** surge no século XIX e corresponde às necessidades da era industrial, assiste-se então a uma justaposição de tendências. É sem sombra de dúvidas uma referência absoluta na história da arquitectura.

Foram seleccionados, pontos de máxima representatividade, pela criatividade e importância no património Nacional.

No **barroco e rococó**, o Convento e Palácio Nacional de Mafra e o Palácio Conde de Oeiras;

No **neoclássico** o Palácio Nacional de Queluz e o Palácio Nacional da Ajuda;

No **revivalismo** o Palácio Nacional da Pena;

No património edificado de Lisboa estão representados, os estilos, correntes e tendências, do Românico ao Revivalismo, **neoclássico**, **neomanuelino** e **neogótico**;

A **arquitectura do ferro**, têm na estação do Rossio e elevador de Santa Justa a expressão desta corrente;

Não nos é dado esquecer a monumentalidade do Aqueduto das Águas Livres, obra de que foi um dos responsáveis Carlos Mardel ou ainda a **arquitectura militar** nas linhas de Torres, relacionada com as invasões Francesas.

□